

The background of the cover is a detailed illustration of a young man and woman standing in a dense forest. The man, on the left, has dark, curly hair and striking blue eyes, wearing a dark shirt. The woman, on the right, has long, straight brown hair and is wearing a light-colored, possibly white, top. They are both looking towards the viewer with serious expressions. The forest around them is lush with various green plants, ferns, and trees, creating a moody and atmospheric setting.

RUBY JEAN COTTLE

RIO NEGRO

LIVRO 1

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Homofobia

Manipulação

Morte

Sangue e cenas gráficas

Trauma familiar

Violência



*Para ti.
Antes, agora, e algures pelo caminho.*

PRÓLOGO

A luz da fogueira distorce a multidão. Um arquejo coletivo ainda perdura.

Ela consegue sentir o bater do seu coração em todo o lado.

Ao princípio, não compreende o que é que o seu corpo quer, o que é que lhe aconteceu para provocar este desejo tão diferente de tudo aquilo que ela alguma vez sentira. Mas, ao olhar em volta, vê-o a olhar fixamente, fascinado.

Os olhos dele espelham aquilo que ela sente.

Ele dá um passo em frente e inclina a cabeça. Braços agarram-no, tentando impedi-lo. Ele solta-se como se não passassem de cinzas.

Sem pensar, ela atravessa o grupo de pessoas, lutando contra o chamamento do aroma metálico que parece permear o ar. Sangue. Ela cerra o maxilar perante a pressão que se forma nos seus dentes, e coloca-se à frente dele, bloqueando-lhe campo de visão. Com o olhar ainda preso além dela, ele tenta afastá-la do seu caminho. Ela não se move. Em vez disso, agarra-lhe no braço e inclina-se para lhe sussurrar ao ouvido.

— Eu sei o que estás a sentir. Sinto o mesmo.

Ele afasta-se e o seu olhar indagante encontra o dela.



Ela consegue ver que ele está assustado.

— Não devíamos estar aqui, a sentir isto. Temos de ir embora — diz ela mais assertivamente, estendendo-lhe a mão. — Agora.

Ele olha para a mão dela e depois aceita-a. Ela puxa-o, e ambos correm em direção à escuridão.





PARTE I

1

As Árvores

Leves raios de sol aquecem o rosto de Dusty. O subtil canto dos pássaros reverbera na sua janela e a luz oscilante relembra-a de que é a sua altura do ano favorita.

O início do verão.

Por um instante, algo semelhante a otimismo percorre o seu corpo sonolento.

O seu braço escapa-se ao calor das mantas, estendendo-se em direção ao telemóvel frio na mesinha de cabeceira. De olhos semicerrados, ela vê que está na hora. Cinco e cinquenta e oito. Dois minutos antes de o seu despertador estar programado para tocar. Desliga-o, grata por evitar o som estridente.

Sentada na cama, esfrega os olhos antes de os abrir. A enorme faia em frente à janela está novamente coberta de folhas verdes, e as suas sombras douradas dançam pela alcova da sua cama.

Além da árvore, Dusty consegue ver, a sul, a encosta íngreme da Montanha Branca, do outro lado de um cintilante lago azul, até à base do vale onde corre o Rio Negro. Algures para lá de tudo isso, escondida pelas árvores, está a sua cidade natal, que tem o mesmo nome do rio, e as Montanhas Adirondack, que se erguem em todo o redor.



Em cima do edredão está um caderno de capa preta. Ao lado, um livro aberto virado para baixo. Deve ter adormecido a lê-lo ontem à noite, perdida num mundo de feitiços, dragões e romance. O seu pai deve ter-lhe apagado a luz a certa altura, como sempre faz.

A tentação de ficar na cama a ler é quase avassaladora: segura, na casa que a faz manter os pés na terra, com o nariz enfiado num livro que lhe dá asas.

Mas hoje é dia de escola, e Dusty tem de enfrentar a vida.

Pega no livro, dobra cuidadosamente o canto da última página que se lembra de ter lido e coloca-o no topo da pilha ao lado da cama. Dirige-se à janela e abre-a. Uma brisa fresca sopra pela fresta e ela solta um suspiro rápido, como se estivesse a carregar num interruptor, a tentar desligar as emoções que percorrem o seu corpo há anos. Emoções que, quando não são controladas, magoam. Por vezes funciona. Outras, não.

Ela faz a cama antes de ir até à grande e antiga cómoda, que, tal como quase tudo o resto nesta casa, herdou dos avós, que a herdaram dos pais, e assim por diante. Troca os bóxeres e a t-shirt por uma lavada, uma camisola larga, e umas calças de ganga já gastas, que abotoa em torno das curvas das suas ancas.

O corredor em frente ao seu quarto está escuro e silencioso. Várias portas fechadas dão acesso a divisões praticamente abandonadas, mas a porta do quarto da sua irmã está aberta. Há um lanço de escadas a cada ponta do corredor: um para o andar de baixo, e outro para o quarto principal, lá em cima. Os pés de Dusty sentem o suave tapete persa esfarrapado quando o atravessa para ir até à casa de banho.

Lava a cara, escova os dentes, e olha para o seu reflexo durante tempo suficiente para decidir que ainda não é hoje que irá começar a esforçar-se mais. O seu longo cabelo castanho está aceiteavelmente desgrenhado, emoldurando-lhe a pele clara e olhos cor



de avelã. Sardas espalham-se pelo seu nariz, e ainda tem as bochechas rosadas de sono. Desconfortável com a rapariga no espelho, desvia rapidamente o olhar e volta para o quarto para colocar o computador e o caderno numa mochila, assim como um livro, pelo sim, pelo não.

À medida que ela desce a larga e rangente escadaria de madeira, a luz do sol entra pelas janelas do andar de baixo, revelando partículas flutuantes a dançar nos feixes dourados. À exceção de alguns pequenos retoques, a casa vitoriana mantém-se praticamente igual desde que os seus antepassados a construíram.

É um espaço grande e aberto, pintado de branco creme, com duas salas de estar, uma sala de jantar e uma cozinha, todas unidas por largos arcos ornamentados em madeira, e as largas tábuas do soalho ainda mostram as retorcidas linhas da vida das árvores cortadas aqui mesmo na montanha. O pé direito alto, os grandes tapetes e as duas enormes lareiras fazem com que o espaço aparente ser ainda maior. A mobília está um pouco desgastada, e as paredes decoradas com a história da família Silver.

Dusty prepara-se para percorrer as divisões e, ao olhar para as prateleiras quase vazias atrás do sofá, lembra-se de quando estavam repletas dos livros de arte da sua mãe. Eles davam tanta cor à sala, principalmente a esta hora do dia, quando a luz solar encharcava as lombadas. Essa memória atinge o peito de Dusty como uma lâmina, e aquele sentimento já familiar regressa. Aquela sensação súbita de que algo terrível poderá acontecer a qualquer momento. Como se estivesse escrito nos seus ossos.

Ela detesta o facto de o seu corpo experienciar tudo tão intensamente.

Apercebendo-se de que tem os punhos cerrados, abana as mãos e solta mais um suspiro rápido para desligar as suas emoções. Mas a respiração apenas a faz suspirar por mais uma e outra vez, à medida que sente um aperto no peito. Ela repara que,



no armário ao seu lado, há um prato retangular que está desalinhado. Endireita-o até estar alinhado com a orla da mesa, e a tensão que sente dissipa-se um pouco.

Ouve-se o barulho de um armário da cozinha, e a chaleira começa a apitar. O seu pai já deve ter saído para o trabalho, o que significa que Opi está a fazer o pequeno-almoço. Dusty tenta acalmar a respiração e, tal como esperado, ao contornar o arco que dá para a cozinha, encontra a irmã, a colher ervas aromáticas dos vasos e jarras que cobrem as bancadas como buquês numa florista.

— Ah, boa! Já acordaste! — Opi sorri por cima do ombro antes de passar a correr para tirar a chaleira do fogão. Ela verte a água fumegante para um bule de vidro repleto de folhas frescas, depois olha para Dusty com mais atenção. — Está tudo bem?

Dusty acena e força um sorriso.

— Morreu algum dos teus namorados literários? — pergunta Opi, totalmente sincera.

Dusty olha inexpressivamente para a irmã enquanto ela rodopia uma mecha do seu longo cabelo castanho-dourado entre os dedos, preocupada.

— Queres falar sobre isso? — pergunta Opi, aproximando-se.

Dusty abana a cabeça e afasta-se, depois senta-se à mesa de jantar.

— Sabes que não faz mal desabafar sobre aquilo que sentes? — diz Opi. — Não tem de ser comigo, pode ser com a Mali. Ou com o pai — acrescenta, de modo encorajador.

Dusty tira da mala um caderno e uma caneta. Começa a desenhar linhas curvas, em tinta preta, com espirais e formas dentro delas. A pressão da caneta no papel é como um escape: uma forma controlada de soltar a tempestade dentro dela.

Opi olha enquanto continua:

— Não podes simplesmente *evitar*...

— Eu não *evito*. Eu lido — interrompe Dusty, exasperada.



— Até parece que não é a mesma coisa.

Dusty não consegue evitar o sorriso que se esboça nas suas bochechas enquanto continua a desenhar.

— Sabes de que é que tu precisas? — começa Opi, a sua voz leve é o pináculo do otimismo.

— De café? — Dusty levanta o olhar para ver Opi a revirar os olhos.

— Não. De passar tempo fora de casa.

— Estamos prestes a sair de casa. Temos escola. Lembras-te?

— Estou a falar de sair para a *rua*. Vivemos numa montanha. No meio da floresta. *Lembras-te?*

— Está bem. Podemos tomar o pequeno-almoço no alpendre.

— Na verdade — diz Opi, erguendo as sobrancelhas juntamente com a voz. — Eu estava a pensar...

Dusty semicerra os olhos, cética.

— Já estamos a três de junho. Sabes o que é que isso significa, certo? — Os olhos de Opi brilham de entusiasmo.

— Que falta menos de quatro semanas para começarem as férias de verão?

Opi suspira.

— Significa que a altura dos cogumelos *morchella* está a chegar ao fim! Se esperarmos até ao fim de semana, podemos já não...

— Então vai com o Theo, depois da escola.

— Não quero ir com o Theo.

— Ele é o teu melhor amigo...

— Quero ir contigo — diz Opi assertivamente. — Tu costumavas adorar sair. Eras tão feliz...

— Isso era antes... — Mas Dusty impede-se de continuar a falar. A última coisa que quer é perturbar a irmã. Suspira. — Quer dizer que queres ir procurar cogumelos antes de ir para a escola?

Opi assente, com um enorme sorriso.



Dusty olha para o relógio. 6h20.

— Só temos de sair às 7h15 — implora Opi, esperançosa. — Sei que detestas chegar atrasada, mas isto só demora meia hora. No máximo. Temos tempo mais do que suficiente para os saltar em manteiga quando voltarmos — tenta ela, com as sobrance-lhas erguidas, como se o apelo fosse inegável. — O pai comprou pão fresco ontem...

— Eu não quero ser apressada, Op — resmunga Dusty. — Queria fazer café, ler o meu livro... — Olha em volta. — Se tu fores, eu posso preparar a cozinha para quando voltares.

— Eu já te fiz *chá* — diz Opi, vertendo a infusão amarelada em duas garrafas. — E eu quero ir *contigo*. — Opi desaparece por um momento e regressa com as botas de caminhada de ambas. — Bora — ela sorri ao abrir a porta da cozinha e sair para o alpendre.

Dusty permanece sentada, determinada a não ir. Olha para a caneta, cuja ponta ainda está pressionada contra o caderno. Tinta negra acumula-se na página e uma imagem de Opi a tropeçar e a bater com a cabeça numa pedra pontiaguda invade a mente de Dusty, forçando-a a levantar-se.

Inspira profundamente, tentando afastar aquele pensamento irracional enquanto pega nas garrafas e segue Opi até ao alpendre.

— Tu tens noção de que eu sou a tua irmã *mais velha*, certo? — Dusty suspira, pega nas garrafas, e segue Opi até ao alpendre. — Portanto, não devia ser *eu* quem manda?

— Antes de mais, tu és menos de 18 meses mais velha do que eu — diz Opi, calçando as botas no cimo das escadas. — Além disso, se fosses tu a mandar, não faríamos nada a não ser ler e ignorar tudo *isto*. — Ela gesticula para lá do alpendre, como se a vida fosse tão simples como o céu azul e a luz do sol.

— *Isto* também existe nos livros — provoca Dusty, ignorando o aroma fresco dos pinheiros cobertos de orvalho. — A diferença



é que tens a oportunidade de o ver através dos olhos de outra pessoa. E também há bruxas e guerreiros.

Opi franze a testa.

— Porque é que haverias de querer ser outra pessoa?

Dusty encolhe os ombros.

— Eu não sou como tu. Não tenho a ligação que tu tens com as ervas e com a horta. — Ela olha para o emaranhado de vegetais, frutas e ervas aromáticas. — *Tu* sabes onde te encaixas, mas eu... Eu tenho 17 anos e já devia ter, pelo menos, uma vaga ideia do que quero fazer com a minha vida. E não, não digas que é escrever. Não sou boa nisso. Parece que... nada me chama a atenção. Como se não houvesse nada que combinasse *comigo*.

Os grandes olhos castanhos de Opi estão curiosos e atentos. As madeixas douradas no seu cabelo castanho reluzem à luz do sol como se estivesse a usar uma coroa.

— Mas... tu és a maior.

A sinceridade de Opi faz com que Dusty sinta um nó na garganta, e engole em seco de imediato.

— Isso é impossível — diz assertivamente. — Porque tu é que és. — Ela levanta-se, com as botas calçadas, pronta para sair.

Opi junta-se a ela, envergando um vestido até aos joelhos com um padrão florido, um casaco verde camuflado e meias brancas com folhos que aparecem na parte de cima das botas. Dusty fica sempre impressionada com a confiança de Opi, ou Ophelia, ainda que ninguém além dos seus professores a chame por esse nome.

— O que foi? — pergunta Opi, apercebendo-se de que Dusty a está a observar.

— Estás gira hoje — responde com um sorriso.

Opi esboça um enorme sorriso. Coloca a sacola vazia ao ombro e entrega outra a Dusty, juntamente com o chá.

— Mesmo que não o bebas, pelo menos aquece-te as mãos.



Dusty revira os olhos.

— Só porque tu és uma esquisitoide que demonstra o amor através do chá. — Bebe um trago. É inegavelmente reconfortante. — Bora.

Existem trilhos que levam à floresta em todas as direções em torno da propriedade, incluindo a norte, para o cimo da montanha, mas Opi dirige-se para sul, através da horta, até as plantas cultivadas se encontrarem com as silvestres. Consegue ver-se um caminho estreito na vegetação rasteira, criado pelos seus antepassados ano após ano, e as irmãs seguem-no, envoltas pela densa copa das árvores.

— Não te esqueças — avisa Dusty. — Quinze minutos para lá, quinze minutos para cá.

— Eu sei! — responde Opi.

Ainda que não tão perita quanto a sua irmã, Dusty conhece este bosque. Reconhece as diversas plantas, como abetos, cicutas orientais e cerejeiras, rodeadas por sabugueiros, cornisos e madressilvas, e regista pontos de referência à medida que passam por eles. É um hábito que o pai lhes incutiu desde cedo. O preço a pagar para poderem andar à vontade por aqui. Uma precaução para não se perderem.

— *A imensidão desta floresta pode engolir-te por inteiro* — diz Dusty.

— Hã? — Opi nem sequer olha para trás.

— O pai disse isso uma vez.

— Ah — murmura Opi, distraída por alguma coisa na copa das árvores.

— Há quanto tempo é que não fazes isto com ele?

Opi encolhe os ombros.

— Não sei.

— Se ambas arranjarmos empregos durante o verão, talvez ele possa trabalhar um pouco menos.



— Pelo menos adora o que faz — diz Opi. — Ele basicamente ganha a vida a fazer *isto*. Além disso, não me importo que estejamos à nossa própria mercê. — Olha para trás de forma conspirativa.

— Mh-hmm — diz Dusty. — Olha só para nós, tão valentonas... a procurar cogumelos num dia de escola. — Pisca o olho à irmã, tentando ignorar quão angustiante é estar ali, quanto lhe faz lembrar a sua infância. Aquilo que tiveram e que perderam.

Opi solta uma gargalhada enquanto abranda o passo, analisando o solo da floresta.

— Devemos estar perto — murmura.

Ansiosa por se despachar, Dusty começa também a procurar.

— Anda — diz, pousando a garrafa no chão e afastando-se do trilho. Opi faz o mesmo.

Caminham devagar e cuidadosamente em busca de vestígios, tentando não pisar demasiado o mosaico de organismos vivos sob os seus pés. Ouve-se um barulho de folhas, não muito longe, e elas levantam o olhar para ver um veado-de-cauda-branca a afastar-se delas. Demora apenas segundos até estar escondido pela colagem de verdes.

— Não tenhas medo — brada Dusty ao veado. — Ela é pescetariana!

Opi revira os olhos. Nunca comeu carnes vermelhas, mesmo quando era criança, o que, na opinião de Dusty, é mais um motivo para admirar a confiança de Opi, tendo em conta que elas provêm de uma longa tradição de caçar o que se come.

— Ainda bem que não estamos na época de caça — acrescenta a Opi antes de seguir em frente.

Sempre cientes da direção do trilho, procuram, levantando do chão ramos e folhas em decomposição que poderão estar a esconder cogumelos. O cheiro a terra é rico e inebriante.

— Não podemos demorar-nos muito mais, Op — diz Dusty enquanto se agacha ao lado de um enorme freixo antigo. Afastando



algum musgo e agulhas de pinheiro, vê o cume de uma estrutura castanha em forma de favo de mel, que está ligada a um talo creme. Ela colhe-o do solo. — Encontrei um! — grita, surpreendida com o seu entusiasmo.

— A sério? — brada Opi, correndo até ela. — Tens a certeza?!

Dusty inspeciona o cogumelo, analisando a parte onde o chapéu se encontra com o caule. Os lados do chapéu estão unidos ao pé na parte inferior. É um bom sinal. Ela parte-o. É completamente oco, tal como é suposto. O tamanho também é bom, é praticamente do tamanho da sua palma da mão.

— Sim. Olha, há mais.

Parece uma caça ao tesouro. À primeira vista, parecem pinhas espalhadas por entre as folhas, mas quanto mais elas se concentram, mais os cogumelos se destacam. Apanhando os cogumelos delicadamente, têm o cuidado de não colher demasiados.

— Abana-os um pouco antes de os colocares na tua sacola — recorda Opi a Dusty, que revira os olhos como se fosse óbvio. Isso foi uma das primeiras coisas que a sua avó lhes ensinou sobre procurar cogumelos: para que os esporos soltos cheguem ao solo e regressem como mais cogumelos no ano seguinte.

O terreno torna-se mais denso à medida que se agacham sob ramos baixos e pulam sobre árvores caídas.

— Mais um e voltamos para casa, está bem? — pergunta Dusty. Inclina-se para apanhar um cogumelo. — Está bem? — pergunta de novo. Frustrada por ser a única com pressa, ergue-se e vira-se para trás.

Mas Opi não está lá.

— Opi? — chama. Não consegue ver a irmã, mas a sensação distinta de que alguém, ou alguma coisa, está por perto é desconcertante. Vira-se de repente. Mas depara apenas com plantas a ondular com a brisa.



Dusty põe-se à escuta, ciente de que existe a pequena possibilidade de haver ursos-negros por perto. Fica imóvel, à espera de um estalido ou de um bramido profundo. Nada.

Convencendo-se de que Opi deve ter regressado ao trilho, Dusty começa a refazer os seus passos. Surpreende-se ao ver cerca de uma dúzia de orquídeas-sapatinho cor-de-rosa nas quais não tinha reparado antes. Elas florescem apenas durante algumas semanas nesta altura do ano. Balançando nos seus caules sem folhas, provavelmente aparecem e desaparecem sem que valma as veja. Esse pensamento provoca-lhe um arrepio na pele.

Segue em frente, procurando a irmã e o trilho, mas não reconhece nada à sua volta. Vê árvores pelas quais jura não ter passado. Crescem em frente a um pedregulho que projeta sombras escuras.

Uma sensação aflitiva começa a pesar no peito de Dusty, e uma onda de adrenalina corre-lhe pelas veias.

— Opi — tenta, mas a sua voz falha.

Volta-se, cambaleando enquanto procura por qualquer sinal que a ajude a perceber onde está. *Isto não faz sentido*, pensa. *Onde é que está a Opi? Onde é que eu estou?* O seu coração bate-lhe desenfreado no peito. Depois, de repente, para.

Um formigueiro percorre-lhe a parte de trás do pescoço.

A floresta é invadida por um silêncio absoluto. Nem se ouve o murmurar do vento. O ar fica parado e pesado.

E, apesar de não conseguir ver nada além de árvores retorcidas e sombras de plantas, ela sabe, de alguma forma, que alguma coisa está definitivamente aqui com ela. A observá-la.

Paralisada pelo medo, Dusty apercebe-se de que está a sustentar a respiração. Usa toda a sua força de vontade para tentar inspirar, enquanto coloca os dedos nos ouvidos, tentando convencer-se de que a sua audição lhe está a pregar uma partida. A baixa batida do seu coração invade-lhe a mente enquanto sente o sangue a correr

velozmente, a sua pulsação a latejar. Tenta chamar Opi novamente, mas o medo instalou-se na sua garganta, encurralando-lhe as palavras, asfixiando-a.

Tenta engolir em seco.

O que quer que esteja a observá-la, não está à vista, mas escondido pelas árvores.

Foge, sussurra uma parte ancestral de si própria.

Ela obedece.

Trepando por cima de troncos e arbustos, arrastando-se por arvoredos e por baixo de ramos, parece que a floresta está a engoli-la, a sugá-la para cada vez mais fundo. A assoberbante sensação de pânico turva-lhe a visão, como se estivesse prestes a desmaiar, mas, assim que a escuridão começa a apoderar-se dela, ela emerge numa clareira, e um lago coberto de luz solar estende-se à sua frente.

Dusty não para de correr até alcançar a margem. O seu coração bate desenfreado até o som da água a bater contra as rochas o acalmar lentamente. Coloca as mãos nos joelhos, de cabeça descaída, e tenta controlar a respiração.

— Dusty!

Levantando o olhar, vê Opi perto da orla da floresta, a correr na sua direção. Sente-se inundada por uma onda de alívio.

Apenas nesse momento repara que os sons da floresta voltaram a surgir.

— Estás bem? — pergunta Dusty, ofegante, quando Opi chega perto dela.

Opi acena enquanto tenta recuperar o fôlego.

— Onde é que nós estamos? — pergunta Dusty.

Opi olha em volta. Claramente, o que quer que tenha assustado Dusty, também a assustou a ela. Visceralmente. Abana a cabeça, incrédula.

— No Lago do Anjo — responde.





Dusty fica confusa.

— Não pode... — Mas depois repara no conjunto de bétulas no outro lado do lago. — Aquilo... Aquilo é o trilho de volta à nossa casa? Ali? — Ela aponta para o sítio onde os notórios troncos brancos se destacam como um farol.

As irmãs olham em silêncio.

— Mas, para chegar aqui, demoraríamos...

— Uma hora e meia. Pelo menos.

— Pareceram meros minutos... — murmura Opi.

— Quem me dera ter trazido o meu telemóvel — reclama Dusty.

— Seria a primeira vez.

Dusty esboça um sorriso.

— Ou um relógio.

Uma brisa sopra acima delas, fazendo com que Dusty se aperceba do suor pegajoso que lhe cobre o corpo. Vira-se para a irmã mais nova:

— Tens a certeza de que estás bem?

— O que é que era *aquilo*, Dust? Tu estavas mesmo à minha frente. Depois não estavas. E eu juro que havia alguma coisa por perto, mas eu não conseguia vê-la.

— Eu senti o mesmo — diz Dusty, virando-se para olhar para a floresta sombria. — Talvez fosse um urso? Mas, depois, ficou tudo silencioso... — A sua voz desvanece-se.

Opi olha em volta como se não acreditasse no que está a ver.

— Como é que chegámos *aqui*?

— Eu não te via — continua Dusty, um sentimento de culpa a dar-lhe a volta ao estômago. — Eu sei que devia ter esperado por ti, devia ter-te procurado, mas não consegui evitar. — Abana a cabeça. — Precisava de fugir. Juro que foram apenas alguns minutos. — Ela dirige o olhar para as bétulas do outro lado do lago como se elas tivessem a resposta. A Montanha Branca ergue-se



por detrás delas. Consegue vislumbrar a sua casa por entre as árvores, perto do cimo. Suspira. — Acho que vamos chegar atrasadas à escola.



Elas contornam a beira do lago até ao outro lado, onde as bétulas esperam para as levar até casa. Voltando a entrar no bosque e enveredando pelo caminho, mantêm-se juntas enquanto Dusty tenta racionalizar o que acabou de acontecer.

— Achas que... — diz Opi baixinho, como se não quisesse que a sua voz fosse ouvida. — Tudo na floresta está interligado, certo? Portanto, faz sentido que, se uma coisa ficasse em silêncio, o resto fizesse o mesmo.

— Talvez — diz Dusty brandamente. — Mas alguma vez viste um urso assustar os grilos ao ponto de eles ficarem calados?

Opi não responde.

Enquanto caminham, Dusty vislumbra os olhos da irmã a olhar em volta. Não se lembra de alguma vez ter visto Opi assustada na floresta. Ou perdida.

Não consegue acreditar que quase deixou que ela viesse para aqui sozinha. Desta vez, Dusty sente-se grata pelos seus pensamentos intrusivos.

Abre a boca para dizer alguma coisa sobre o inexplicável salto no tempo e espaço, mas impede-se de o fazer.

Enquanto sobem a colina íngreme, o bater do coração de Dusty acelera, assim como a sua respiração. Tenta concentrar-se no som dos seus passos a pisar o chão, como que a deixar o medo para trás, mas a náusea de ansiedade permanece.

Caminham em silêncio durante o que parece ser uma eternidade, até se aproximarem do sítio onde começaram a procurar os cogumelos. Há uma encruzilhada no caminho. Ambos os trilhos vão dar a casa.



— Por aqui — diz Dusty, levando-as pelo caminho pelo qual não vieram.

— Mas deixámos as garrafas... — diz Opi.

— Esquece as garrafas — riposta Dusty. Coloca um braço em torno da cintura da irmã, e continuam a andar pelo trilho alternativo. A recompensa de chegar a casa apressa-lhes o ritmo.

Por fim, emergem das árvores para a sua horta. Abelhas e borboletas esvoaçam à sua volta, e a casa continua coberta pela luz do sol. Dusty sente uma picada no braço. É um mosquito. Esmaga-o, deixando uma mancha de sangue na pele.

Apressa-se a subir os degraus, com a Opi a segui-la, e entra de rompante na cozinha para ver as horas.

São 8h15.

Tenta fazer as contas.

Chegar ao outro lado do Lago do Anjo e voltar devia ter demorado mais de três horas. Mais o tempo que passaram paradas a procurar cogumelos. Portanto, já deviam ser, pelo menos, 9h30. Um arrepio percorre-a, lembrando-a do suor que lhe encharca a roupa.

— Bate certo — diz Opi.

— Desculpa?

— Tipo... sinto que foi esse o tempo que demorámos. — Opi encolhe os ombros. — Mais ou menos vinte minutos, antes... de fugirmos. E depois uma hora e meia a voltar do outro lado do lago.

Dusty franze as sobrancelhas.

— Nada disto bate certo. Não percebes? — A sua voz soa mais áspera do que pretende.

Os olhos de Opi brilham com lágrimas.

— Desculpa — diz Dusty. — É só que... aquilo assustou-me. Provavelmente, perdemo-nos. Ou fomos pelo caminho errado. — Ela suspira, acalmando-se. — Vá, bora lá mudar de roupa para irmos embora. Já estamos atrasadas, e em breve alguém da escola irá ligar ao pai.



Opi acena, oferecendo-lhe um leve sorriso antes de subir as escadas.

Ainda parada em frente ao relógio, Dusty olha para as árvores através da janela.

Não consegue afastar a sensação de que ainda lá está alguma coisa, a aguardar nas sombras.



2

A Periferia

Durante a maior parte do caminho para a escola, que demora 25 minutos, elas seguem pelas estradas que serpenteiam as montanhas e pelo fluxo curvo e caudaloso do Rio Negro. O som da guitarra da Laura Veirs preenche o velho Jeep, enquanto Dusty pensa repetidamente no que aconteceu na floresta, tentando que faça sentido. Quando chegam a um troço de estrada mais estreito, onde as árvores que a rodeiam se encontram, a repentina escuridão sombria atrai aquele medo desorientador que ainda não compreende. O carro dá uma guinada quando faz uma curva demasiado depressa. Os pneus chamam alto, fazendo com que corvos voem para longe de algo que estavam a comer ao lado da estrada. Consegue sentir Opi a olhar para ela, mas não diz nada.

Chegam à periferia de Rio Negro ao atravessar uma ponte com 25 metros de comprimento, que se ergue sobre uma curva do rio. Apenas um carro consegue atravessar de cada vez, mas raramente é preciso esperar. Não há muito trânsito perto de Rio Negro. Dusty costuma achar reconfortante a forma como o telhado e as paredes de treliça envolvem o carro numa quase escuridão enquanto passam pelas largas placas de madeira. Mas, hoje, acelera em direção à luz do outro lado.



Passam por modestas casas de madeira, com a tinta a descascar das fachadas esbatidas, antes de pararem num dos poucos semáforos da cidade, com o pisca ligado. Dusty abre os vidros e quase consegue saborear os longos e livres dias de verão que se aproximam. Mas um travo a apreensão azeda-lhe a boca.

Uma buzina toca ruidosamente atrás delas, trazendo Dusty de volta à realidade. Olha para o semáforo, agora verde, mas antes de poder acelerar, uma grande carrinha branca contorna-as e vira para o posto de abastecimento do outro lado da rua.

Dusty suspira:

— Que arrogante, impaciente...

— Ele também se deve ter atrasado para ir para a escola — sugere Opi.

Dusty suspira.

— Quando se é a única pessoa famosa na cidade, as regras não importam.

— Porque é que ele é famoso, mesmo? — pergunta Opi. — Além da aparência, quero dizer.

Dusty reconhece que Eli Blake é um verdadeiro rapaz de sonho. Alto e atlético, com maçãs do rosto proeminentes, um maxilar esculpido e hipnotizantes olhos verde-esmeralda. O seu cabelo é cor de cobre, sempre cortado rente, e, tanto quanto Dusty consegue perceber, tem uma confiança inigualável. Sabe tudo isto sem nunca ter interagido com ele. Porque, para Dusty, Eli Blake apenas existe dentro do seu telemóvel. Para dizer a verdade, ele é um dos grandes motivos pelos quais ela detesta o objeto: é uma das muitas miragens cintilantes que fazem com que ela sinta não pertencer a este mundo. Como se não entendesse os seus próprios colegas, como se ela fosse um extraterrestre por preferir manter a sua privacidade. Por preferir estar sozinha. Mas, ainda assim, já houve várias noites em que deu por si a ir ver um dos vídeos de Eli.



O facto de ele viver tão perto dela, ao fundo da estrada na Montanha Branca, não ajuda.

Enquanto vira para outra rua, Dusty tenta não olhar na direção dele, ou para os seus olhos sonolentos, iluminados pelo sol da manhã.

— É só um gajo das bicicletas BMX, com muitos seguidores no TikTok — responde, sem lhe dar importância.

No coração de Rio Negro, passam por casas e edifícios mais grandiosos: estruturas coloniais e vitorianas com dois ou, por vezes, três andares, à frente dos quais há árvores tão altas que quase nem se conseguem ver os postes de eletricidade. Depois, três igrejas por entre uma dúzia de lojas que dão para um grande jardim triangular com um coreto rodeado por árvores frondosas.

No pico do inverno, Rio Negro parece o fim do mundo. Mas nesta manhã, com as folhas a balançar ao vento e as flores a brotar nos seus canteiros, Dusty acha que está muito bonito. Desta vez, é um alívio estar aqui, longe daquela presença na montanha.

Entram no parque de estacionamento já cheio da escola às 8h45, com quase uma hora de atraso, batendo as portas do carro e pondo as mochilas às costas para ir para dentro. É aqui que as vidas de Dusty e Opi divergem, separadas por amigos e aulas, e os seus mundos se tornam maiores do que a vida que têm em casa.

Dusty corre pelo corredor principal, em direção à aula de Biologia, rodeada pelas típicas paredes com azulejos bege, tetos brancos manchados pelas goteiras e pavimentos de linóleo cinzento salpicado, tudo inundado por luzes fluorescentes. Para contrastar, fileiras de cacifos de metal vermelho-vivo forram as paredes.

Não é que Dusty não goste da escola. Na verdade, ela é uma excelente aluna. Mas a sua aversão a multidões e atenção fez com que se afastasse da vida escolar a tal ponto que, se fosse avaliada por isso, chumbaria por falta de participação.





A porta da sala está fechada. Pela pequena janela de vidro, Dusty consegue ver as filas de alunos virados para a parte da frente da sala, com os computadores portáteis abertos, e a sua secretária vazia na parte de trás. Consegue ouvir a voz abafada da professora Thompson a explicar alguma coisa à turma. *Vou entrar à socapa*, diz a si mesma. *Ninguém irá reparar*. Pega na maçaneta e respira fundo antes de entrar.

— Dusty! — anuncia a professora Thompson com uma voz nítida e animada.

Toda a gente se vira para olhar para ela.

— Desculpe — diz Dusty, embaraçada. — O meu carro teve um problema.

A professora Thompson sorri, aparentemente despreocupada, e volta a concentrar-se na apresentação projetada no ecrã.

Dusty vai até à sua mesa, tentando evitar fazer contacto visual com as pessoas que ainda a observam. Ela senta-se entre JD, que lhe dirige um aceno amigável, e Mali, a sua melhor amiga e uma das poucas pessoas que contrariam a preferência de Dusty por estar sozinha. Quando se senta, apercebe-se de que Mali está a olhar para ela como que à espera de uma explicação.

— Depois conto-te — diz Dusty baixinho.

Mali pisca-lhe o olho, com a ternura do costume presente no seu rosto, antes de continuar a tirar apontamentos. Dusty tira o computador da mochila, certificando-se de que fica perfeitamente alinhado com a secretária, depois olha para o ecrã na parte da frente da sala, onde está uma imagem de uma dupla hélice a girar em torno de si mesma.

— O ADN apareceu na Terra há cerca de quatro mil milhões de anos — continua a professora Thompson —, mas ainda não descobrimos como é que ele surgiu. Sofreu mutações e multiplicou-se, formando os milhões de espécies de plantas e animais à nossa volta. Incluindo nós próprios! — Ela passa para o próximo



diapositivo, onde aparece uma rapariga a caminhar pela floresta, e Dusty afasta a memória do que aconteceu há apenas uma hora. — Nós partilhamos pelo menos 50 % dos nossos genes com as plantas e, apesar das diferenças humanas, na verdade, somos 99,9 % idênticos. — O som de dedos a carregar nos teclados preenche a sala, enquanto um novo diapositivo com o sistema solar aparece no ecrã. — Se fosse possível esticar o ADN contido no nosso corpo, teria duzentos mil milhões de quilómetros de comprimento. Seria o suficiente para dar a volta à Terra cinco milhões de vezes.

Dusty luta contra a vontade de pegar no caderno e traduzir o conceito em linhas e formas. Em algo mais palpável. Mas ela não arriscaria fazê-lo tão perto dos outros. Alguém poderia ver.

— O ADN é o código que dita a nossa forma física — diz a professora Thompson —, mas apenas 2 % dele realmente faz alguma coisa. — Passa para o diapositivo seguinte. — Vamos lá ao que interessa. O ADN está armazenado nos cromossomas, que...

— Para que é que servem os outros 98 %? — Dusty só se apercebe de que é ela quem está a falar quando toda a gente se vira para ela. Outra vez. Sente as bochechas a aquecer, e a adrenalina residual desta manhã debate-se com o controlo que ela costuma manter sobre si própria.

— Ótima pergunta — diz a professora Thompson. — Apenas dois por cento do nosso ADN contém instruções, ou códigos, que são usados para criar proteínas nas nossas células. O resto é chamado de ADN lixo. Refere-se às regiões do ADN cujo material não importa. Que é não-codificante. — A professora passa para o próximo diapositivo. — Como eu estava a dizer...

— Desculpe, mas não percebi. — *Mas que raio?*, pergunta Dusty a si mesma, enquanto fica ainda mais corada. Ela nunca se expôs desta forma. Normalmente, pesquisa as dúvidas no Google depois das aulas.



A professora Thompson espera que Dusty continue.

— Quero dizer... como assim, lixo? — Ela não sabe o porquê de isto a estar a incomodar tanto.

— Não sei quanto a ti — diz JD —, mas o meu material é muito importante para mim.

Ouvem-se risos pela sala, e JD esboça um sorriso satisfeito.

A professora Thompson suspira.

— Obrigada, Jake. — Vira-se para Dusty. — Talvez seja um resquício da evolução? — sugere. — Como o apêndice, por exemplo. Ou os dentes do siso. Já não precisamos deles.

Dusty anui devagar e a professora Thompson vira-se para prosseguir com a aula, clicando para passar ao próximo diapositivo.

— Professora Thompson? — diz uma voz da última fila. É uma voz rouca, como se fosse a primeira vez que fala hoje.

A professora levanta o olhar, com surpresa estampada no rosto.

— Sim, Will?

Dusty não se dá ao trabalho de se virar para trás, apesar de metade da turma o fazer.

— Não quero interrompê-la — diz, com a voz mais suave. — Mas acho que os investigadores estão a começar a explorar a possibilidade de o ADN lixo não ser... lixo. — Agora, toda a gente na sala está a olhar para ele, incluindo Dusty, que repara no quão vazia está a secretária dele. Sem computador, sem caderno, apenas o telemóvel. Ela pergunta-se porque é que a professora Thompson não o chamou à atenção por causa disso, ou se a secretária estaria sempre assim. Ela lembra-se vagamente de ter ouvido dizer que ele fora transferido para cá há alguns meses, mas isso é tudo o que sabe sobre ele.

A sua figura alta e esguia ajeita-se na cadeira. Ele olha para Dusty, com os olhos escuros escondidos pelo cabelo quase preto, que lhe cai desgrenhadamente sobre a testa. Afasta-o com a mão antes de continuar.



— Acho que era qualquer coisa sobre esse ADN controlar os genes e a forma como se expressam, na verdade.

— Obrigada, Will, irei informar-me sobre isso — responde a professora Thompson, com um sorriso. — Posso prosseguir com a aula, então?

Will acena subtilmente, e toda a gente volta a virar-se para os ecrãs.

Dusty olha para ele mais uma vez, apanhando-o a olhar para ela, antes de ele se recostar na cadeira e olhar pela janela.

Durante o resto da aula, não consegue parar de sentir a presença dele na sua periferia.



— Amor, espera aí! — brada Mali, indo para junto de Dusty quando ela se dirige ao corredor, depois da aula. — Estás bem? — pergunta, olhando para as mãos de Dusty, que estão a agarrar as alças da mochila com demasiada força.

— Sim, desculpa. Foi uma manhã complicada.

— O carro já está bom?

— Hã?

— Tiveste um problema com o carro...

— Ah, sim. Ficou resolvido. — Dusty olha de relance para Mali, que ainda está a observá-la como se soubesse que se passa alguma coisa. Dusty para de andar olhando Mali nos olhos. — A sério — diz, erguendo as sobrancelhas. Mantêm-se num impasse até Dusty sorrir, por fim. É impossível não se acalmar quando está perto da melhor amiga.

— Este fim de semana vais finalmente sair, está bem? — diz Mali, agarrando os ombros de Dusty e abanando-os de forma brincalhona. — Está na hora de te soltares um bocadinho. Quem sabe até te deixes levar pela tua paixoneta.

— Qual paixoneta? — pergunta Dusty, defensiva.



Depois de ter falado e olhado para ela durante um instante a mais, Will distraiu Dusty. Ela não sabe bem porquê. Não se lembra de ter ouvido a sua voz antes. Mas algo nele a atormentava, era difícil ignorar a sua presença. Pelo menos, isso manteve longe da sua cabeça aquela situação mais estranha desta manhã.

Mas, o que quer que a faça estar tão ciente dele, com certeza não é uma paixoneta.

— Eu já te vi a olhar para ele. Não finjas que é mentira.

Dusty fica confusa.

— Eu... Eu não...

— Queres ir dar uma volta na parte de trás da minha BMX? — diz Mali numa voz grave. Ela coloca as longas tranças castanho-escuras atrás dos ombros e pisca os olhos amendoados que contrastam com a sua pele escura.

Dusty pestaneja.

Eli. Mali está a falar sobre o Eli.

— O que foi? — provoca Mali. — Não gostas da minha voz *sexy* e descontraída? — Depois, na sua voz normal: — Aposto que ele cheira bem depois de todos aqueles saltos na terra.

— Não sei quando é que decidiste que eu estou obcecada com o Eli, porque claramente não estou. Portanto, podes parar com isso.

— Mh-hmm, sim, sim. — Mali acena, com um retorcer dos lábios para esconder o sorriso.

Dusty revira os olhos, tentando também não sorrir.

— Tu só estás desesperada para que eu tenha uma paixoneta por *qualquer* pessoa. O Eli não é demasiado óbvio?

— Por amor de deus — diz Mali. — Seu *eu* gostasse de rapazes, ele seria a minha primeira opção. *Sem dúvida*. Seja como for, eu só quero que tu te divirtas. E seria conveniente, já que vivem tão perto um do outro... Vai haver uma festa da fogueira no sáb...

— Eu não preciso de um rapaz para me divertir — interrompe Dusty. — Consigo perfeitamente divertir-me sozinha.



Elas olham uma para a outra com as sobrancelhas erguidas antes de se desatarem a rir.

Mas, à medida que continuam a caminhar, Dusty tenta não pensar na verdade: que o conceito de intimidade, mesmo consi-go própria, é algo que ela prefere ignorar. Isso pô-la-ia em risco de ter sentimentos, algo que ela detesta intensamente. Porque, para Dusty, sentir *seja o que for*, física ou emocionalmente, é como estar à beira de um precipício a olhar lá para baixo. A antecipação da queda reverbera por ela com um semicerrar de olhos, dando-lhe a volta ao estômago e paralisando-lhe os músculos. Tenta desligar-se de si mesma, dissociar, como se fosse uma observadora imparcial.

Os livros são a única exceção. Quando está imersa numa história, o amor e romance conseguem arrebatá-la por completo. Sente tudo: o aperto no peito, o borbulhar no fundo da barriga, o suave derreter da sua espinha. Mas quando pouisa o livro e larga a perspectiva das personagens para voltar à sua, tudo o que consegue suportar é o torpor.

Como precaução adicional, tem o seu caderno. Um lugar para depositar quaisquer emoções residuais, transformando-as em algo claro e simples. Segredos expressados através de um código só seu. Uma vez, deixou que Mali o folheasse, mas nem a sua melhor amiga conseguiu decifrar alguma coisa.

— Estou a falar a sério, amiga — continua Mali. — Tu sabes que não é saudável ficares fechada em casa todos os fins de semana. Tens 17 anos!

— As festas são a tua cena, não a minha.

— Tudo bem. Mas isso não quer dizer que não te irás arrepender de não teres ido a *nenhuma* quando fores velha e tiveres cabelos brancos. Ou de não teres encontrado alguém por quem ter um fraquinho, pelo menos!

Dusty revira os olhos, sem dizer em voz alta que ter um fraquinho por alguém é o seu pior pesadelo.



Dusty olha para o tabuleiro que acabaram de lhe entregar. Um hambúrguer com queijo, um dónute com cobertura cor-de-rosa, um brócolo, e um pacotinho de leite, tudo organizadamente separado. É surpreendentemente colorido, em comparação com aquilo que costumam servir, e Dusty apercebe-se de que está faminta.

Mali, Amber e JD já estão sentados à mesa do costume. O grupo manteve-se praticamente o mesmo desde a primária. Mali sentara-se ao lado de Dusty no primeiro dia, anunciando que o cabelo de Dusty estava uma desgraça, e que ela teria todo o gosto em arranjar-lho. Quando o almoço terminou, Dusty tinha duas bonitas tranças com missangas que Mali tirara do seu próprio cabelo. Amber sempre viveu muito perto de Mali, pelo que veio por acréscimo. JD juntou-se ao grupo no 6.º ano, quando se mudou da cidade para Montanha Branca e conheceu Dusty no autocarro. Mal falaram um com o outro, mas, quando ele se sentou à mesa delas nesse dia, e em todos os dias seguintes, ficou decidido.

Mas, mesmo passados tantos anos, Dusty nunca se sentiu muito próxima de Amber e de JD. Não da mesma forma fácil com que Mali se dá com eles. No ano passado, Dusty ouviu Amber perguntar a Mali porque é que Dusty ainda se dava ao trabalho de se sentar com eles. Dusty não ficou ofendida, apesar do tom ligeiramente áspero de Amber, porque a verdade é que Dusty tem de resistir à vontade de encontrar um local sossegado onde possa ler ou desenhar quase todos os dias. Mas, sendo alguém que passa tanto tempo sozinha quando está em casa, há uma parte dela que receia desvanecer-se por completo se não se obrigar a conviver com alguém. Receia desaparecer por entre os seus pensamentos, perder-se na escuridão turva até cessar de existir.

Quando se senta à mesa, eles estão a meio de um debate aceso sobre um programa de true crime que estreou na Netflix ontem à noite.





— É tão óbvio que foi ela — resmunga JD, com um AirPods a berrar-lhe música eletrónica ao ouvido.

— Até parece! — exclama Amber. Os seus espessos e largos caracóis quase pretos emolduram-lhe o rosto moreno e expressivo, claramente indignada. — Onde é que já se viu uma mulher ser a assassina? É *sempre* um gajo.

JD finge-se ofendido.

— Desculpa lá, mas nem todos os *gajos* são vilões.

— Desta vez, concordo com a Amber. — Mali ri-se. — Se nos guiarmos pelas estatísticas, teve de ser o namorado.

— Nah, as mulheres são é mais sorrateiras — diz JD, abanando a cabeça. — Conseguem safar-se das cenas.

— Sim, como se tu percebesses alguma coisa sobre mulheres — diz Amber inexpressivamente.

Dusty está a olhar para o tabuleiro de Amber. Ainda não lhe tocou. Não é a primeira vez que ela repara nisso. Quando levanta o olhar, os seus olhos encontram os de Amber. Amber sorri, mas com um travo de frieza. Uma vez, Mali disse que achava que a atitude descortês de Amber para com Dusty se devia ao facto de ambas serem alunas de nota máxima. Dusty não sabe se é competitividade ou rancor, mas dá o seu melhor para não perturbar Amber.

— Amor? — diz Mali a Dusty, aparentemente pela segunda vez. — Vais à festa da fogueira no sábado?

— Qual festa da fogueira?

JD e Amber riem-se.

— Em casa do Matt Miller... — começa Mali a dizer.

— Ele e o Eli construíram lá uma pista no verão passado — acrescenta JD, mastigando o seu hamburger.

Amber solta uma gargalhada.

— Quem te ouve falar há de pensar que já lá estiveste a conviver com eles.

A expressão de JD torna-se amarga.



— Não te preocupes, estou bem ciente de que só fui convidado porque eles querem que vocês lá vão.

Enquanto JD espenica a cobertura do seu dónute, Dusty relembra-se de quando Eli, Matt e os seus amigos faziam a vida negra a JD. Em sua defesa, quando JD se mudou para Rio Negro, a sua gabarolice sobre a cidade de Nova Iorque era incessante. Os outros miúdos não paravam de lhe fazer perguntas, e dava para perceber que ele adorava a atenção, mas quando ele se começou a queixar do quão aborrecida era a vida aqui, em comparação, Eli e os seus amigos aproveitaram para o fazer baixar a bola com alguns comentários agressivos.

— Talvez possas passar lá a tua música? — sugere Amber, agora num tom mais brando. — Ouvi dizer que eles têm lá umas colunas brutais, ou uma cena assim...

O rosto de JD ilumina-se como se Amber lhe tivesse entregado o melhor presente de sempre.

— Então, vais? — pergunta Mali a Dusty.

O grupo olha para Dusty, à espera de resposta, como se fosse suposto ela ficar delirante perante a ideia de ir à festa.

— Sim, talvez vá — diz finalmente.

Mali não fica convencida.

— Vai ser divertido... — JD e Amber começam a conversar, e Mali acrescenta num tom mais baixo: — Eu sei que não é a tua cena, mas se há *uma* festa que não podes perder este ano, é esta. Bora criar boas memórias? *Por mim?* — implora.

Dusty olha para a mesa onde Eli, Matt e os seus amigos se estão a rir e a falar. Todos eles estão ligeiramente virados para Eli, como se ele fosse o seu centro de gravidade. Ele estende o braço e tira um dónute do tabuleiro do seu amigo Jesse, dando-lhe uma grande dentada enquanto olha para Jesse com o olhar a brilhar de malícia. Jesse atira-lhe um brócolo à bochecha, e todos eles se desatam a rir ainda mais.



Dusty suspira e inclina-se na direção de Mali, não querendo desiludi-la.

— Está bem. Eu vou.

Mali ergue uma sobrancelha.

— Prometo — acrescenta Dusty.

Qual é a pior coisa que pode acontecer?



Depois da escola, Dusty e Opi concordam em não contar ao seu pai, Chris, sobre o facto de se terem perdido; foi isso de que se convenceram que aconteceu naquela manhã. Ele não só ficaria desapontado por elas não terem tido mais cuidado, como se sentiria culpado por não ter estado lá com elas.

Chris é agente de conservação ambiental. O seu trabalho é proteger o ambiente local de atividades ilegais, liderar operações de busca e salvamento e fazer cumprir as leis relativas à caça e à pesca. O trabalho faz com que ele tenha de viajar para longe, pelo que faz muitas horas extraordinárias, mesmo nos feriados e fins de semana. Mas hoje, chega a casa às 17h, trazendo um saco de compras numa mão e uma geleira na outra. Dusty está a arrumar a cozinha quando ele entra.

— Olá, filha. — O seu sorriso é ternurento, mas dá para perceber que está cansado.

A sua farda verde-escura assenta-lhe no corpo magro, ancorada por botas pretas e pelo coldre preto da arma à cintura. O seu cabelo é escuro como o de Dusty, mas salpicado de grisalho, e os seus olhos são castanhos e bondosos. Tal como os de Opi. Ele não sorri tanto quanto costumava sorrir, mas quando o faz, toda a sala se ilumina.

— Truta fresquinha — diz, pousando a geleira e as compras em cima da bancada.

— Andas a pescar durante o horário de trabalho? — pergunta Dusty enquanto espreita as escamas às pintas.



— Já que lá estou. Vou só tomar um duche e depois faço o jantar. Podes preparar o peixe, entretanto?

— Tem mesmo de ser?

— A não ser que queiras comer tripas ao jantar. — Ele esboça um dos seus melhores sorrisos, e aqui está ele, a encher o coração de Dusty. Ela depressa quebra o contacto visual, olhando para as botas dele.

— Se a Opi te vê com isso calçado dentro de casa, mata-te — diz ela.

Chris vira-se para regressar à entrada.

— Um dia. Pode ser que um dia me lembre.

Quando volta para fazer o jantar, já o peixe está limpo e preparado, e Dusty está sentada no sofá virado para a cozinha, a ler um novo e grande livro de fantasia. Tem os pés em cima da mesa de centro, e está a fazer um ótimo trabalho a ignorar as prateleiras vazias atrás de si. Aquelas que preservam demasiados ecos do passado.

Ela levanta o olhar quando o pai começa a cozinhar. Ainda fica impressionada com a confiança que ele ganhou na cozinha. Até Dusty fazer 8 anos, os seus avós, pais de Chris, também viviam aqui. A cozinha era território da sua avó, e a horta território do seu avô. Eles faleceram com pouco tempo de diferença, um logo a seguir ao outro, mas como sempre, Dusty tenta não pensar sobre isso. Depois de falecerem, era Sarah, a mãe de Dusty, quem tratava da maior parte das refeições, e nos últimos cinco anos, tem sido Chris. Não teve outra hipótese.

Foi Opi quem ressuscitou a horta depois de o seu pai lhe ter oferecido sementes quando fez 12 anos. Antes disso, ninguém lhe tocava.

O telemóvel de Dusty recebe uma notificação.

Mali

Já que estamos numa onda de criar memórias...
não queres vir jantar ao restaurante hoje?



Porque é que toda a gente quer fazer planos a uma terça-feira?

Dusty

Por favooooor

Mali

Só vou eu e a Amber

Mali

E talvez o JD

Mali

Toda a gente, portanto. Dusty sorri para si mesma.

Não posso, o meu pai já está a fazer o jantar.

Dusty

Então vem cá comer a sobremesa

Mali

— Estás a falar com quem? — pergunta Opi, inclinando-se sobre as costas do sofá para espreitar o ecrã de Dusty.

— Não tens nada que ver com isso.

— Que sensível!

— É a Mali. Ela quer que eu vá ter com ela.

— Esta noite?

— Sim. Eu disse-lhe que não.

— Devias ir — diz Opi, com um olhar preocupado.

— Não olhes para mim como se eu fosse uma incapaz.



— Não estou! Estou a olhar para ti como se não fosse uma péssima ideia ires divertir-te um pouco.

— Tens andado a falar com a Mali?

— Talvez. — Opi sorri e depois vai para a cozinha.

Dusty revira os olhos e atira o telemóvel para a outra ponta do sofá, antes de seguir a sua irmã.

Põem a mesa juntas, um dos rituais diários que Dusty lhes atribuiu depois do desaparecimento da sua mãe, de forma a facilitar um pouco a vida ao pai.

Opi desaparece para o jardim durante um minuto, regressando com um pequeno ramo de flores de camomila que coloca no vaso ao centro da mesa.

— Bom apetite — diz Chris, pousando uma grande travessa oval. A truta está coberta de ervas aromáticas frescas e rodela de limão, e há também uma salada de verduras, pepinos e cebola roxa, tudo proveniente da horta de Opi.

De perto, e à luz do baixo candeeiro da sala de jantar, Dusty repara nos vincos e rugas no rosto do pai. Isso fá-la pensar no tempo que já passaram sem a mãe, e questiona-se se ele alguma vez se sentirá preparado para conhecer outra pessoa, ou se agora prefere estar sozinho, tal como ela.

— Então, como correu o vosso dia? — pergunta ele.

Opi abre a boca para responder, mas Dusty interrompe-a.

— Correu bem — diz, um pouco alto demais. — Encontrámos uma catrefada de cogumelos *morchella* esta manhã.

— Eu perguntei-me de onde é que eles teriam aparecido. Onde é que os encontraram?

— Mais abaixo na montanha — responde Dusty de forma despreocupada.

— Fomos antes das aulas. Fui eu quem teve a ideia — explica Opi. — Estava com receio de que já não conseguíssemos encontrá-los no fim de semana.



Chris acena, pensativo.

— Tenham cuidado, está bem? E eu não quero que vás sozinha, Op. Tens de ir com a Dusty, comigo ou com o Theo.

Dusty e Opi olham uma para a outra, surpreendidas pelas palavras do seu pai. Nunca se opôs a que elas fossem à floresta antes. Aliás, até passou os últimos anos a incentivar Dusty a ir lá mais vezes.

— Porquê? — pergunta Dusty.

Ele abana a cabeça.

— Por nada.

— Vou fazê-los para o pequeno-almoço de amanhã — diz Opi, tentando esquecer o assunto.

— Mal posso esperar — diz Chris, relaxando.

Terminam de jantar sem proferir mais uma palavra. Longos silêncios já se tornaram normais entre os três. Dusty aprecia um silêncio confortável, mas com o seu pai parece que tem ao seu lado um enorme elefante aterrorizado pela ideia de alguém o ver.

Depois de a louça estar lavada, Opi começa a preparar uma espécie de infusão de ervas, e o seu pai vai ver um episódio de *Alone* na televisão. Dusty pega no telemóvel e no livro, e retira-se para o andar de cima.

A sua mente já está imersa na história quando chega ao pátio superior. O corredor está completamente às escuras. Estende o braço em direção à parede, com os dedos a percorrer a superfície fria em busca do interruptor, quando vê piscar uma luz intensa pelo canto do olho.

Quando se vira para ver o que é, já está tudo escuro novamente, mas ela tem a certeza de que a vira através da porta aberta que dá para o antigo escritório do seu avô.

Engole em seco, à espera, enquanto a inquietação que sentiu na floresta naquela manhã se infiltra pela sua casa. Mas o corredor permanece na escuridão.



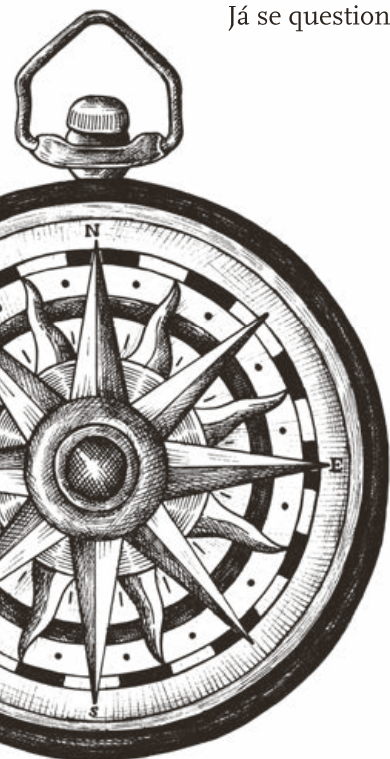
Inspirando profundamente, carrega no interruptor. Tudo está como é suposto estar.

Ainda assim, percorre o tapete persa com o coração mais acelerado do que gostaria. De pé, à entrada, olha em torno do escritório, ainda repleto dos pertences do seu avô. Passa pela grande secretária, atrás da qual estão estantes cheias de livros de capa dura em pele e tecido, e depois pelo cadeirão de couro desgastado até chegar à janela.

Olhando lá para fora, Dusty volta a encontrar-se com a escuridão. A janela fica virada a norte, na direção do cume. Enquanto os seus olhos se habituam à escuridão, percorre a montanha quase negra com o dedo até alcançar o cimo, rodeado de estrelas cintilantes.

Como não existem casas acima da deles neste lado da montanha, não há postes de iluminação nessa direção. *Então, de onde veio a luz?*, pergunta-se.

Já se questiona se a terá imaginado.



**CREPÚSCULO E SHATTER ME JUNTAM-SE NUMA
FANTASIA ROMÂNTICA PARANORMAL, COM UM
MISTÉRIO INTOXICANTE E IMPOSSÍVEL DE LARGAR.**

Tudo o que Dusty quer é refugiar-se
nos livros e na sua casa na montanha...
Só que há algo à sua espera nas sombras da floresta.

Um encontro casual com o misterioso Will
desperta uma atração diferente de tudo o que ela já sentiu.

Não é apenas a conexão emocional que faz
o seu coração bater mais depressa — é uma sede.

Forças sombrias apoderam-se das margens
do Rio Negro e Dusty precisa de decifrar o mistério,
ou corre o risco de perder todos os que ama.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-583-808-0



9 789895 838080

